

## HANS ROBERT JAUSS E A HERMENÊUTICA LITERÁRIA

### HANS ROBERT JAUSS AND LITERARY HERMENEUTICS

Bruno Brizotto\*  
Lisana Teresinha Bertussi\*\*

**Resumo:** Exame das relações entre hermenêutica e Estética da recepção, sobretudo da hermenêutica literária, ramo da hermenêutica, cuja organização metodológica é exigida e providenciada por Hans Robert Jauss, um dos maiores expoentes da Escola de Constança, berço da Estética da recepção. Corolário desse exercício é a efetivação de um rico e produtivo diálogo entre a filosofia e os estudos literários.

**Palavras-chave:** Hermenêutica literária; Estética da recepção; Hans Robert Jauss; Hans-Georg Gadamer.

**Abstract:** Examination of the relationship between hermeneutics and Reception aesthetics, particularly of literary hermeneutics, a branch of hermeneutics, whose methodological organization is required and provided by Hans Robert Jauss, one of the greatest exponents of the School of Constance, the cradle of Reception aesthetics. Corollary of this exercise is the effectiveness of a rich and productive dialogue between philosophy and literary studies.

**Keywords:** Literary hermeneutics; Reception aesthetics; Hans Robert Jauss; Hans-Georg Gadamer.

Após a publicação de *Ser e tempo*<sup>1</sup>, Martin Heidegger (1889-1976) deixa de se envolver com questões explicitamente hermenêuticas, assim como a terminologia da compreensão, da interpretação e do círculo hermenêutico. Sua atenção se volta para a análise, ainda que hermenêutica, de filósofos, como Platão, e poetas, como Rainer Maria Rilke e Johann Christian Friedrich Hölderlin. O aspecto do pensamento heideggeriano notadamente hermenêutico, no entanto, é ocupado por seu discípulo, Hans-Georg Gadamer (1900-2002).

---

\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul. Bolsista da CAPES. Autor de "Hermenêutica e Estética da recepção: uma leitura das três primeiras teses de Hans Robert Jauss" (2013) (Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU).

\*\* Doutora em Teoria da Literatura (PUCRS). Docente e pesquisadora na Universidade de Caxias do Sul.

<sup>1</sup> Cf. Heidegger (2009).

Gadamer trabalha dentro do paradigma heideggeriano, na medida em que aceita plenamente a virada ontológica<sup>2</sup> operada por seu mestre. No entanto, ele explora as consequências de tal virada para a compreensão dos seres humanos acerca das ciências humanas. Essa compreensão, de acordo com o hermenêuta alemão, só pode ser feita se deixarmos para trás o quadro da hermenêutica romântica, tanto na versão de Friedrich D. E. Schleiermacher quanto na de Wilhelm Dilthey. A mudança operada por Gadamer diz respeito ao seu projeto hermenêutico e o de Schleiermacher: “enquanto este era conduzido pelo propósito de estabelecer uma metodologia científica da interpretação, Gadamer desvincula a hermenêutica da problemática metodológica e científica e a enraíza na experiência geral do cotidiano.” (LIMA, 2002, p. 76). De acordo com Gadamer (2008, p. 31),

a hermenêutica que se vai desenvolver aqui não é uma doutrina de métodos das ciências do espírito, mas a tentativa de entender o que são na verdade as ciências do espírito, para além de sua autoconsciência metodológica, e o que as liga ao conjunto de nossa experiência de mundo.

Note-se o porquê da teoria hermenêutica de Gadamer ter estabelecido um novo paradigma na história da filosofia contemporânea: a hermenêutica filosófica. Conforme explica Rohden (2008, p. 50),

a hermenêutica filosófica não se limita ao entendimento instrumental dos significados. Ao ultrapassar a exploração do âmbito das respostas dadas ela abre às possibilidades inesgotáveis do sentido de se instaurar através de um procedimento que não se atém à letra, mas àquilo que, na história, chamou-se espírito (*Geist*). O esclarecimento dos significados constitui uma propedêutica à compreensão dos sentidos convertendo-se, portanto, num pressuposto básico da hermenêutica filosófica. O projeto hermenêutico filosófico realiza uma leitura diacrônica do ser. A leitura sincrônica acaba sendo sempre maculada pela história. E o filosofar, como uma eterna busca de palavras para dizer quem somos e o que desejamos, como um argumentar sem fim sobre nossa ânsia de perguntar e de responder, é marca da nossa finitude, da nossa historicidade.

---

<sup>2</sup> Nos projetos hermenêuticos anteriores a Heidegger, o foco estava ora na compreensão da comunicação linguística, ora no estabelecimento de uma base metodológica para as ciências humanas. Com o Filósofo da Floresta Negra, opera-se uma verdadeira transformação no campo da hermenêutica. Tem-se o que se convencionou chamar de virada ontológica. Fala-se nela pelo fato de o interesse de Heidegger estar no princípio de que a hermenêutica é ontologia: é sobre as condições mais fundamentais do ser humano no mundo que a hermenêutica deveria se debruçar. O filósofo deixa isso claro no § 7 de *Ser e tempo*: “A filosofia é uma ontologia fenomenológica e universal que parte da hermenêutica da presença [*Dasein*], a qual, enquanto analítica da *existência*, amarra o fio de todo questionamento filosófico no lugar de onde ele *brot*a e para onde *retorna*.” (HEIDEGGER, 2009, p. 78, grifo do original).

Isso, em geral, é o projeto de *Wahrheit und Methode* [*Verdade e método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*], lançada em 1960, obra que Gadamer levou mais de 30 anos para escrever. Palmer (2006, p. 167), ao apresentá-la, já adianta a estrutura da *magnum opus* de Gadamer: “Num único volume apresenta-nos não só uma revisão crítica da estética moderna e da teoria da compreensão histórica, numa perspectiva heideggeriana, como também uma nova hermenêutica filosófica baseada na ontologia da linguagem.” A “revisão crítica da estética moderna” é assunto para a primeira parte, “A liberação da questão da verdade a partir da experiência da arte”; a revisão da “teoria da compreensão histórica” faz-se presente na segunda parte, “A extensão da questão da verdade à compreensão nas ciências do espírito”; e, por fim, a “nova hermenêutica filosófica baseada na ontologia da linguagem” fecha a obra em sua terceira parte, “A virada ontológica da hermenêutica no fio condutor da linguagem”.

A linguagem, para tomar um exemplo, ocupa centralidade na hermenêutica filosófica de Gadamer (2008, p. 612), fato que o levou a afirmar que “*o ser que pode ser compreendido é linguagem.*” É através da linguagem que o mundo está aberto para nós. Aprendemos a conhecer o mundo aprendendo a dominar uma língua. Por isso não podemos entender a nós mesmos se não nos entendermos como situados em uma cultura histórica linguisticamente mediada. É importante registramos que “a centralidade na linguagem está no âmago das tradições filosóficas, dentro das quais trabalha Gadamer”, o que não implica que a linguagem em Gadamer constitua “uma mudança linguística” (LAWN, 2011, p. 103), tal como a “virada linguística”, operada na filosofia analítica do século XX.

Questão igualmente importante para a hermenêutica filosófica é a problemática do método. Lawn (2011, p. 52-55) discute muito bem essa questão, portanto, valemos de suas palavras para elucidar esse ponto:

A história do desenvolvimento do método e da justificativa filosófica, desde a época de Descartes até os tempos modernos, oferece um contexto e um plano de fundo importantes ao trabalho de Gadamer. Opondo-se tenazmente ao fluxo geral do pensamento modernista e iluminista, Gadamer questiona a condição do método e problematiza a superdependência da Modernidade sobre a qual, como uma matriz e um movimento procedural, surge a busca pelo conhecimento indubitável. A dependência em métodos racionalmente autorizados, por todos seus benefícios progressivos e revolucionários – incluindo a agenda modernista da liberdade política e autonomia, as aplicações da tecnologia e da ciência à medicina –, se distancia do mundo que a precede. Apesar da descoberta do método apresentar algo assim como uma ruptura

radical com o passado, o passo em si está, sob um determinado ponto de vista, sempre conosco e seria um erro esquecer que formações maiores, como a tradição, por exemplo, estão sempre presentes e são o contexto apropriado, dentro do qual devemos colocar o aparentemente radical, o revolucionário e o descontínuo.

Dessa forma, Gadamer questiona a autosssegurança da era moderna e resgata conceitos fundamentais que foram distorcidos quando se adotaram as doutrinas e crenças do Iluminismo, como tradição, preconceito e autoridade. O hermenêuta alemão deposita enorme importância na tradição, pois “o estabelecimento de um novo método para fundamentar o conhecimento precisa sempre se reconciliar com a força mais fundamental da tradição, através da qual toda atividade cultural é apresentada e sustentada.” (LAWN, 2011, p. 53). Nas palavras de Gadamer (2008, p. 373): “A tradição é essencialmente conservação e como tal sempre está atuante nas mudanças históricas.” Além do mais, a tradição é um elemento vivo, que carrega a historicidade inerente ao ato da compreensão. Depreende-se disso que Gadamer não está contra o método, ao contrário, o método tem a sua validade, na medida em que estiver coadunado com a tradição.

O que Gadamer (2008) enfatiza com a escrita de *Verdade e método* é o fato de a verdade não ser alcançada somente a partir da utilização de determinado método, mas também através da arte, da compreensão histórica e da linguagem. A exposição do autor surpreende o leitor, seja ele estudioso de filosofia ou de literatura, pelo fato de não só estarem presentes as teses defendidas por Gadamer, mas também porque apresenta um exercício hermenêutico de diálogo com diferentes personalidades da filosofia e de outros campos do conhecimento.

Nesse sentido, o ponto que constitui o objeto de estudo deste artigo é justamente um exercício hermenêutico de diálogo entre duas esferas do conhecimento humano, a saber: a hermenêutica filosófica de Gadamer (2008) e os estudos literários, área que constitui uma importante ferramenta para a compreensão dos seres humanos e da realidade, representada, aqui, pelas teses de Hans Robert Jauss (1921-1997), mentor de uma das mais importantes correntes de abordagem do fato literário: a Estética da recepção. Não nos ocuparemos<sup>3</sup> de suas célebres teses expostas em 13 de abril de 1967,

---

<sup>3</sup> As sete teses de Jauss (1994) já foram objeto de nossas reflexões em outros momentos. A propósito, Cf. Brizotto (2011; 2012; 2013).

data da paradigmática conferência que abriu o ano letivo da Universidade de Constança, convenientemente intitulada “A história da literatura como provocação da ciência literária”<sup>4</sup>. Sendo assim, o foco está em outro segmento da teoria estético-recepcional de Jauss: a hermenêutica literária, elaborada em *Experiência estética e hermenêutica literária*<sup>5</sup>, publicada em 1982, na qual o teórico alemão erige as bases de um ramo da hermenêutica, a hermenêutica literária, que é exigida e sistematizada por ele para ser o modelo teórico de suas investigações. Ao comentar a bipartição do livro, o autor afirma que isso se justifica

por um *fundamentum in re*: a diferenciação fenomenológica entre compreensão e discernimento, entre a experiência primária e o ato da reflexão, com que a consciência se volta para a significação e para a constituição de sua experiência, retorna, pela recepção dos textos e dos objetos estéticos, como diferenciação entre o ato de recepção e o de interpretação. A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (*Einstellung auf*) seu efeito estético, i. e., na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. (JAUSS, 1979, p. 45-46).

Discorrendo sobre o título da obra, Zilberman (2009, p. 62) anota que,

embora o título da obra ligue uma à outra [experiência estética e hermenêutica literária] através da conjunção *e*, a análise dos dois temas não é simultânea, e sim consecutiva: a primeira ocupa uma parte de suas reflexões, vindo a público quando lançou a primeira versão do livro; enquanto que a hermenêutica literária apresenta-se de modo orgânico sobretudo no novo volume dedicado a esses tópicos.<sup>6</sup>

Jauss (1979, p. 45) esclarece que a obra em questão tem o objetivo de “mostrar a tarefa de uma hermenêutica literária”, bastando para isso recuperar a unidade triádica do processo hermenêutico, conforme exposto por Gadamer (2008): a compreensão (*subtilitas intelligendi*), a interpretação (*subtilitas explicandi*) e a aplicação (*subtilitas applicandi*). O cerne da hermenêutica literária, de acordo com Jauss (1979, p. 45), reside “não tanto em mais uma teoria da compreensão e da explicação [interpretação], quanto

<sup>4</sup> O título original consistia em “O que é e com que fim se estuda história da literatura”, ao que veio a ter depois “A história da literatura como provocação da ciência literária”. No Brasil, a tradução dessa conferência ficou a cargo de Sérgio Tellaroli, que a traduziu com o título de *A história da literatura como provocação à teoria literária*, publicada pela editora Ática, em 1994.

<sup>5</sup> No original: *Ästhetische Erfahrung und literarische Hermeneutik*.

<sup>6</sup> Ainda de acordo com a estudiosa: “A separação, útil para a explicitação das idéias de Jauss a propósito de cada um dos temas, não significa que os entenda de modo estanque. Alguns princípios da hermenêutica literária embasam a descrição da experiência estética; e a hermenêutica, ciência geral da interpretação, fornece-lhe conceitos fundamentais para a revisão teórica da literatura.” (ZILBERMAN, 2009, p. 62).

na aplicação, i. e., na mediação da experiência contemporânea e passada da arte.” Conceitos desenvolvidos na conferência de 1967 são agora aplicados em textos literários:

Permanecerá neste contexto o problema central de como se pode realizar, de forma metodicamente controlável, o realce e a fusão dos horizontes da experiência estética contemporânea e passada. Será, ademais, colocada a relação entre pergunta e resposta como instrumento hermenêutico, que também poderá ser mostrada como relação consecutiva entre problemas e soluções nos processos literários. (JAUSS, 1979, p. 45).

Entretanto, a unidade triádica do processo hermenêutico recuperada por Jauss (1983)<sup>7</sup>, através de Gadamer, nem sempre foi vista dessa maneira, apesar de sempre determinar toda e qualquer interpretação de texto, quando realizada de forma mais ou menos unilateral. (JAUSS, 1983). Gadamer (2008, p. 406) endossa tal argumento: “Esses três momentos devem perfazer o modo de realização da compreensão.” A sistematização do problema hermenêutico da aplicação que ocorreu durante o romantismo<sup>8</sup> reconheceu a íntima fusão entre compreensão e interpretação, excluindo o terceiro elemento, a aplicação. Entretanto, a aplicação é tão importante quanto a compreensão e a interpretação para o processo hermenêutico. Se compreender “é sempre interpretar, e, por conseguinte, a interpretação é a forma explícita da compreensão” (GADAMER, 2008, p. 406), caberá à aplicação constituir-se como o nível que fecha a compreensão, guardando em si tanto a compreensão quanto a interpretação. A aplicação também ganha significado fora de seu contexto original, imediato, pois é um exercício de compreensão que leva em conta a temporalidade. Jauss (1983) estava a par dessas considerações proferidas por seu mestre, lembrando que foi durante a *Aufklärung* que tal esquema tríplice foi formulado, no bojo da hermenêutica pietista, como doutrina das três *subtilitas*. Gadamer (2008, p. 406) assinala que “É significativo que os três [compreensão, interpretação e aplicação] recebam o nome de *subtilitas*, ou seja, que se compreendam menos como um método sobre o qual se dispõe do que como uma aptidão que requer uma particular finura de espírito.” O descrédito se efetivou “com a vitória do

---

<sup>7</sup> O original em alemão “Der poetische Text in Horizontwandel der Lektüre (am Beispiel von Baudelaire's Zweiten Spleen – Gedicht)” foi apresentado em 1980 no colóquio sobre Problemas da formação da teoria da estética da recepção, em Cerisy, França.

<sup>8</sup> “A *applicatio* era eliminada da hermenêutica precedente [do romantismo] porquanto se entendia, de acordo com o privilégio concedido ao indivíduo-autor, que o papel de seu praticante consistia em reproduzir a produção autoral.” (LIMA, 2002, p. 92).

ideal da ciência histórica e positivista”, ganhando nova cidadania com “a renovação da hermenêutica teológica e jurídica” (JAUSS, 1983, p. 306).<sup>9</sup>

É graças a esse contexto que Jaus (1983, p. 306) justifica o atraso evidente da hermenêutica literária: “[Tal atraso] explica-se porque o processo hermenêutico foi reduzido apenas à explanação, porque nenhuma teoria da compreensão foi desenvolvida para textos de caráter estético, e porque a questão da ‘aplicabilidade’ foi relegada à crítica como não sendo científica.” É por isso que o teórico alemão aceita “a sugestão de Gadamer de ‘reformular a hermenêutica das ciências do espírito a partir da jurídica e teológica’, [devendo] ser vista como uma oportunidade de atualizar a hermenêutica literária.” (JAUSS, 1983, p. 306). E, em seguida, postula que por meio da hermenêutica literária “deve-se perguntar novamente se e como a unidade hermenêutica de todos os três momentos pode realizar-se na interpretação de um texto poético.” (JAUSS, 1983, p. 306). Ensaaios como este realizam tal intento de interpretação tendo como alvo um texto poético.

Sabendo que “a experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com [...] seu efeito estético, i. e., na compreensão fruidora e na fruição compreensiva.” (JAUSS, 1979, p. 46), podemos estabelecer a dupla tarefa da hermenêutica literária:

de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos. (JAUSS, 1979, p. 46).

Portanto, a aplicação tem uma finalidade fundamental: “comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar o juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção.” (JAUSS, 1979, p. 46). Sendo assim, torna-se relevante discorrer sobre a experiência estética. Ela é o aspecto fundamental de toda teoria fundada na recepção, constituindo-se como o fruto do relacionamento entre obra e leitor. Em relação à experiência estética, Jaus apresenta, em 11 de abril de 1972, no XIII Congresso Alemão de História da Arte, a conferência intitulada *Kleine Apologie der ästhetischen Erfahrung* [Pequena apologia da experiência

---

<sup>9</sup> Gadamer (2008, p. 407-408) elucida tal renovação, no momento em que afirma: “Tanto para a hermenêutica jurídica quanto para a teológica, é constitutiva a tensão que existe entre o texto proposto – da lei ou do anúncio – e o sentido que alcança sua aplicação ao instante concreto da interpretação, no juízo ou na pregação. [...] Aqui, compreender é sempre também aplicar.”

estética]<sup>10</sup> que versa sobre tal temática, procurando salvá-la “de seus detratores e recuperar a validade do prazer decorrente, negada pelas recentes teorias da literatura, como condição de compreender o sentido e importância social da arte.” (ZILBERMAN, 2009, p. 53). Tratando-se de uma apologia, o teórico alemão busca demonstrar o valor que a experiência estética tem no contexto da teoria da literatura e da estética. Jauss (2002) acredita que o significado de uma obra não pode ser alcançado sem ter sido vivenciado esteticamente: não se concebe o conhecimento sem prazer, nem a recíproca, fato que o leva a formular dois conceitos já apresentados: compreensão fruidora e fruição compreensiva. Tais conceitos, que se efetivam como processos, “ocorrem simultaneamente e indicam como só se pode gostar do que se entende e compreender o que se aprecia.” (ZILBERMAN, 2009, p. 53). Ao mesmo tempo, como lembra Zilberman (2009, p. 53),

só pelo resgate e valorização da experiência estética é possível justificar a presença social e continuidade histórica da arte. Para Jauss, o desprestígio do prazer estético determina a rejeição da arte por inteiro, conduta implícita em teorias que se recusam a aceitar a validade da experiência do leitor ou que a discriminam, encarando-a tão-somente como efeito da indústria cultural e dos produtos destinados ao consumo.

Depreende-se disso que a oposição mais incisiva de Jauss dirige-se a Theodor W. Adorno, um dos expoentes da Escola de Frankfurt, especialmente a sua obra *Teoria estética [Ästhetische Theorie]*, de 1968. Adorno (1970) erige uma estética da negatividade, que rejeita a função comunicacional da arte, vista como um sintoma de sua massificação, valorizando apenas o experimentalismo. Ora, isso significa que a obra de arte não deseja se comunicar com o público ou, aspecto ainda mais negativo, que o leitor não sente prazer diante de obras originais e avançadas. O objetivo de Jauss não é “pensar outros caminhos para a arte contemporânea, e sim contradizer a interpretação dada ao relacionamento entre o sujeito e o objeto estético” (ZILBERMAN, 2009, p. 54), conforme defendido por Adorno (1970). Além de considerar o fato de a experiência estética causar simultaneamente prazer e conhecimento ao público, Jauss atribui-lhe uma função transgressora. De acordo com o autor, mesmo que a obra contrarie um “sistema de respostas” ou um código de valores, é agindo como tal que o processo de comunicação se intensificará: “a obra se livra de uma engrenagem opressora e, na

---

<sup>10</sup> JAUSS, Hans R. *Kleine Apologie der ästhetischen Erfahrung*. Konstanz: Verlag der Universität Konstanz GMBH, 1972. Utilizamos a tradução espanhola da conferência, publicada em 2002.



medida em que recebida, apreciada e compreendida pelo seu destinatário, convida-o a participar desse universo de liberdade.” (ZILBERMAN, 2009, p. 54). Ganha destaque nesse processo a emancipação, isto é, a finalidade e o efeito alcançado pela arte, liberando o destinatário de percepções usuais e conferindo-lhe uma nova visão da realidade, além de servir como mediadora entre a natureza simultaneamente comunicativa e libertadora da obra de arte.

Vista a experiência estética em sua natureza libertadora da arte e sabendo que ela é capaz de fundir os papéis transgressor e comunicativo, pode-se visualizá-la por meio de suas três atividades simultâneas e complementares, a saber: *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*, denominadas por Jauss (1979, p. 43) como “as atividades produtiva, receptiva e comunicativa”, respectivamente. A concretização de tal unidade tríplice depende da principal reação que o leitor pode ter: a identificação. Essa formulação aparece na segunda tese da *Pequena apologia*:

A libertação pela experiência estética pode se realizar em três planos: a consciência produtiva, ao criar um mundo como sua própria obra; a consciência receptiva, ao aproveitar a oportunidade de perceber o mundo de forma diferente e, finalmente – deste modo a subjetividade abre-se à experiência intersubjetiva – ao aprovar um julgamento exigido pela obra ou identificar-se com as normas de ação esboçadas e que posteriormente serão determinadas. (JAUSS, 2002, p. 41, tradução nossa).<sup>11</sup>

E, em seguida, Jauss (2002, p. 42-43, grifo do autor) esclarece o que cada um dos três momentos da experiência estética significa:

*Poiesis*, entendida como “capacidade poiética”, significa a experiência estética fundamental de que o homem, através da produção de arte, pode satisfazer a sua necessidade universal de *encontrar-se no mundo como em casa*, privando o mundo exterior de sua *estranheza indescritível*, fazendo sua própria obra, e obtendo nesta atividade um saber que se distingue tanto do conhecimento conceitual da ciência como da práxis instrumental do ofício mecânico. A *aisthesis* designa a experiência estética fundamental de que uma obra de arte pode renovar a percepção das coisas, embotada pelo hábito, do qual resulta que o conhecimento intuitivo, em virtude da *aisthesis*, opõe-se novamente com pleno direito a tradicional primazia do conhecimento conceitual. Finalmente, a *catharsis* se refere à experiência estética fundamental de que o espectador, na recepção da arte, pode ser liberado da parcialidade dos interesses vitais

---

<sup>11</sup> No original: “La liberación por medio de la experiencia estética puede efectuarse en tres planos: para la conciencia productiva, al engendrar el mundo como su propia obra; para la conciencia receptiva, al aprovechar la posibilidad de percibir el mundo de otra manera, y finalmente – y de este modo la subjetividad se abre a la experiencia intersubjetiva–, al aprobar un juicio exigido por la obra o en la identificación con las normas de acción trazadas y que ulteriormente habrá que determinar.”

práticos mediante a satisfação estética e ser conduzido também a uma identificação comunicativa ou orientadora da ação.<sup>12</sup> [tradução nossa]

Levando em conta essa breve sùmula sobre a experiência estética, que está intrinsecamente ligada à hermenêutica literária, é necessário agora explicitar as três etapas que constituem esse modelo de análise proposto por Jauss (1983). Em sua gênese, Jauss não emprega tal terminologia, adotando-a mais tarde por “apresentar melhor articulação conceitual; considerar a recepção o conjunto das três fases, incorporando, pois, o plano do efeito, descrito por Iser; e mostrar-se mais fiel à hermenêutica propriamente dita.” (ZILBERMAN, 2009, p. 66). Em sua exposição teórica denominada “Para a delimitação e definição de uma hermenêutica literária”, ocorrida num dos colóquios do grupo *Poetik und Hermeneutik*, Jauss traz à tona as questões consideradas fundamentais para a estabilização dessa disciplina. O cerne do construto teórico-metodológico abarca as três etapas citadas, bem como se apoia nas ideias de Peter Szondi (1995), que afirma ser “a hermenêutica literária [...] a teoria da exegese, *interpretatio* ou interpretação, de obras literárias.” (SZONDI, 1995, p. 1, tradução nossa)<sup>13</sup>, acentuando a particularidade da hermenêutica literária: “a ela compete refletir sobre as propriedades estéticas da obra de arte, aspecto que não pertence à ordem de preocupações das demais hermenêuticas.” (ZILBERMAN, 2009, p. 67). Conforme estabelece Jauss, cabe à hermenêutica literária a tarefa de dar a compreender as obras do passado, consistindo num diálogo entre passado e presente. Além disso, o autor afirma que a hermenêutica literária desempenha o papel na concretização do sentido das obras literárias, que se desenvolve historicamente dentro de um quadro de uma certa lógica, criando e transformando o cânon estético. Além disso, a hermenêutica é um elemento crítico na constante mudança dos horizontes de interpretações, que define uma distinção entre interpretações arbitrárias e aquelas disponíveis a um consenso.

---

<sup>12</sup> No original: “*Poiesis*, entendida como «capacidad poética», designa la experiencia estética fundamental de que el hombre, mediante la producción de arte, puede satisfacer su necesidad universal de *encontrarse en el mundo como en casa*, privando al mundo exterior de su *esquiva extrañeza*, haciéndolo obra propia, y obteniendo en esta actividad un saber que se distingue tanto del conocimiento conceptual de la ciencia como de la praxis instrumental del oficio mecánico. *Aisthesis* designa la experiencia estética fundamental de que una obra de arte puede renovar la percepción de las cosas, embotada por la costumbre, de donde se sigue que el conocimiento intuitivo, en virtud de la *aisthesis*, se opone de nuevo con pleno derecho a la tradicional primacía del conocimiento conceptual. Finalmente, *catharsis* designa la experiencia estética fundamental de que el contemplador, en la recepción del arte, puede ser liberado de la parcialidad de los intereses vitales prácticos mediante la satisfacción estética y ser conducido asimismo hacia una identificación comunicativa u orientadora de la acción.

<sup>13</sup> No original: “Literary hermeneutics is the theory of the exegesis, *interpretatio* or interpretation, of literary works.”

Para Jauss (1983), o método da hermenêutica literária apresenta-se na relação entre três leituras sucessivas: a primeira leitura diz respeito à compreensão (leitura de percepção estética), a segunda, à interpretação (leitura retrospectiva), e a terceira concerne à aplicação (leitura histórica). Cabe mencionar uma importante advertência do autor: “Na decomposição do processo hermenêutico nestas etapas, a distinção das três leituras até certo ponto teve de ser fingida.” (JAUSS, 1983, p. 306). Justifica-se tal asserção pelo fato de Jauss, ao realizar a interpretação do segundo “Spleen”, de Charles Baudelaire (1821-1867), verificar a interdependência entre as três etapas, ou seja, as leituras estão encadeadas num processo de interação entre texto e leitor. Por isso Jauss (1983, p. 305) afirma ser “este estudo [...] uma experiência.” O objetivo é claro: “demonstrar hermeneuticamente que tipo de compreensão, interpretação e aplicação poderia ser característico de um texto de caráter estético.” (JAUSS, 1983, p. 306). Importa levar em conta o fato de que, se realmente existe uma hermenêutica literária autônoma, ela deve ser comprovada na medida em que “se preocupa com o caráter estético dos textos a serem interpretados, não apenas em apreciações posteriores à interpretação, mas ao ver neste caráter estético a premissa da própria interpretação.” (SZONDI, 1975, p. 13 *apud* JAUSS, 1983, p. 306). A fim de que tal processo possa se efetivar, Jauss (1983) se coloca ele próprio como leitor, “um leitor com o horizonte de formação da nossa atualidade.” (JAUSS, 1983, p. 310). Saliente-se que a atualidade aí posta refere-se ao ano de 1979. Outra razão para o autor empreender tal ação deve-se ao fato de não cair no mesmo dilema de Riffaterre.<sup>14</sup> O problema do modelo de Riffaterre reside no fato de a recepção dos poemas pressupor um leitor ideal (*superreader*), que deve “não apenas estar equipado com a soma do conhecimento histórico-literário atualmente disponível, mas também deve ser capaz de registrar conscientemente cada impressão estética e de ancorá-la numa estrutura de efeito do texto.” (JAUSS, 1983, p. 310). Assim, o autor não cria uma espécie de “leitor ingênuo”, sendo ele mesmo o leitor. Nessa perspectiva,

---

<sup>14</sup> Cf. Riffaterre (1978).

o papel deste leitor, determinado em termos históricos, pressupõe que esteja familiarizado com a poesia lírica, mas que saiba suspender<sup>15</sup> por ora sua competência histórico-literária ou lingüística, empregando em lugar disso sua capacidade de surpreender-se por vezes durante a sua leitura, e que seja capaz de expressar esta surpresa por meio de perguntas. Coloquei ao lado deste leitor histórico do ano de 1979 um comentarista de competência científica que aprofunda analiticamente as impressões estéticas do leitor que está tão-somente entendendo e apreciando o que lê [...]. (JAUSS, 1983, p. 310).

A primeira etapa, a compreensão, decorre da percepção estética que o leitor apresenta ao iniciar a interpretação do texto (com o intuito de permanecer fiel à interpretação de Jauss, tenhamos em mente o poema de Baudelaire citado). A percepção estética é progressiva, ou seja, acompanha a “partitura” do texto, sendo sua descoberta dada “pela disposição do texto, pela sugestão do ritmo e pela realização gradativa da forma.” (JAUSS, 1983, p. 308). Esta primeira etapa, segundo Jauss (1983, p. 308),

remete, portanto, hermeneuticamente ao horizonte de experiência da primeira leitura, o qual muitas vezes pode tornar-se visível em sua coerência formal e plenitude de significado – principalmente em textos historicamente distantes ou na lírica hermética – apenas após várias leituras.

E em seguida afirma que

*A interpretação explícita na segunda fase e em todas as leituras seguintes, também remete ao horizonte de expectativa da primeira leitura perceptual, quando o intérprete pretende concretizar uma determinada relação significativa do horizonte de significado deste texto, e não queira por exemplo utilizar a permissividade da alegorese, ao transferir o significado do texto para um contexto estranho, isto é, dar-lhe um significado que ultrapasse o horizonte do significado e com isso a intencionalidade do texto. A interpretação de um texto poético já sempre pressupõe a percepção estética como compreensão prévia; só deve concretizar significados que parecem ou poderiam parecer possíveis ao intérprete no horizonte de sua leitura anterior.* (JAUSS, 1983, p. 308, grifo nosso).

Assim sendo, a leitura de percepção estética “não pode partir imediatamente da pergunta pelo significado de detalhes na forma plena do todo, mas deve seguir o significado ainda em aberto durante o processo da percepção.” (JAUSS, 1983, p. 307). Ou seja, essa primeira leitura ainda não necessita possuir o caráter de resposta a uma pergunta implícita ou explícita. A redução reflexiva da interpretação que deseja compreender o texto enquanto resposta a uma pergunta, pode, nesse primeiro momento, ficar suspensa, situação que nos lembra a *epoché* transcendental, requisito

---

<sup>15</sup> Tal “suspensão” será explicitada na sequência deste estudo.

fundamental para a redução eidética, conforme formulado por Husserl.<sup>16</sup> Nesse ponto, Jauss (1983, p. 308) cita Gadamer, que na esteira do fundador da fenomenologia, afirma: “na experiência estética, a redução eidética é conseguida espontaneamente.” Se tomarmos isso como válido para a recepção eidética de um texto poético “então a compreensão no ato da percepção estética não pode depender de um interpretar que reduza o excesso de significados do texto poético a uma de suas possíveis afirmações, justamente porque algo é entendido como resposta.” (JAUSS, 1983, p. 308-309). Realizando tal suspensão, o leitor chegará à compreensão da obra, experimentando “a linguagem na sua virtualidade e, com isso, o mundo na sua plenitude de significação.” (JAUSS, 1983, p. 309).

O leitor habituado a ler poemas certamente já se encontrou na situação de perceber que o significado do texto só se torna claro numa segunda leitura, após retornar do final ao início do texto. Numa ocasião como essa, “a experiência da primeira leitura torna-se o horizonte da segunda leitura: *aquilo que o leitor assimilou no horizonte progressivo da percepção estética torna-se tematizável no horizonte retrospectivo da interpretação.*” (JAUSS, 1983, p. 309, grifo nosso). Isso nos permite passar da primeira leitura, a da compreensão, para a segunda, referente à interpretação, denominada por Jauss (1983) de leitura retrospectiva. Denomina-se retrospectiva porque “é lícito voltar do fim para o começo ou do todo ao particular [...]” (ZILBERMAN, 2009, p. 68). Esse retorno “do todo ao particular” e, por conseguinte, do particular ao todo, implica o conceito de círculo hermenêutico de Gadamer (2008, p. 385): “as partes que se determinam a partir do todo determinam, por sua vez, a esse todo.” Para que o círculo hermenêutico se constitua como tal, é imprescindível que haja abertura, pois ela amplia os círculos, expandindo os horizontes.

A mudança de horizonte entre a primeira e a segunda leitura é descrita pelo teórico alemão de forma mais detalhada nos seguintes termos:

o leitor que realizou receptivamente, verso por verso, a partitura do texto e chegou ao final, antecipando constantemente, a partir do detalhe, a virtualidade do todo de forma e significado, apercebe-se da forma plena da poesia, mas ainda não do seu significado igualmente pleno, quanto menos do seu “sentido global”. Quem aceita a premissa hermenêutica de que o sentido global de uma obra lírica deve ser entendido não mais como substância, não como significado atemporal antecipado, mas como sentido-tarefa, espera que o leitor, *no ato da compreensão interpretativa*, admita que de agora em diante pode concretizar

---

<sup>16</sup> Cf. Husserl (1990).

um entre outros significados possíveis da poesia, relevante para ele, sem que exclua a possibilidade que outros discordem. (JAUSS, 1983, p. 311, grifo nosso).

Está manifesto que as perguntas não respondidas (implícitas ou explícitas), as quais inicialmente se opunham à compreensão, necessitam ser solucionadas na etapa da interpretação. Espera-se que, através dessa segunda etapa, se “possa criar um todo tão pleno ao nível do significado quanto ao nível da forma, a partir de cada elemento significativo ainda indeterminado sob algum aspecto.” (JAUSS, 1983, p. 312). O fato de poder encontrar “este significado global apenas por meio de uma perspectiva selecionadora, mas não poder atingi-lo por meio de uma descrição supostamente objetiva” (JAUSS, 1983, p. 312), implica aceitar a premissa hermenêutica da parcialidade. É com ela que surge a questão do horizonte histórico “que condicionou a gênese e o efeito da obra e que, por outro lado, limita a interpretação do leitor contemporâneo.” (JAUSS, 1983, p. 312). É esse horizonte histórico que permite uma terceira leitura, a histórica, ou, hermenêuticamente falando, a aplicação.

A leitura histórica permite que se recupere a recepção de que a obra foi alvo ao longo do tempo. No caso de Jauss (1983, p. 305), a leitura histórica se “inicia com a reconstrução do horizonte de expectativa, no qual o poema se inseriu com o aparecimento das *Fleurs du Mal*, e que depois acompanhará a história de sua recepção ou ‘leituras’ até a mais recente, a do autor.” A aplicação depende em grande parte da compreensão (percepção estética), “pois só esta explica a importância de uma obra na história.” (ZILBERMAN, 2009, p. 69).<sup>17</sup> Entretanto, a recíproca é verdadeira: tanto a compreensão quanto a interpretação necessitam “da função controladora da leitura de reconstituição histórica.” (JAUSS, 1983, p. 312). Sua função

evita que o texto do passado seja adaptado ingenuamente aos preconceitos e às expectativas de significado de nossa época. Ela possibilita a compreensão do texto poético em sua alteridade, separando expressamente o horizonte passado do contemporâneo. (JAUSS, 1983, p. 312).

---

<sup>17</sup> “A percepção estética não é um código universal atemporal, mas, como toda experiência estética, está ligada à experiência histórica. Por isso, o caráter estético de textos poéticos de tradição ocidental pode oferecer apenas pré-dados heurísticos na interpretação de textos de outras culturas. O fato de que a própria percepção estética está sujeita à evolução histórica deve ser compensado pela interpretação literária por meio dos três resultados do processo hermenêutico. Com isso, ela tem a oportunidade de ampliar o conhecimento histórico por meio da compreensão estética e, pela sua aplicação espontânea, talvez criar um corretivo para outras aplicações submetidas à pressão situacional e à necessidade de decisão do procedimento.” (JAUSS, 1983, p. 314-315).

Igualmente, a leitura histórica “exige uma leitura reconstrutiva que inicie com a procura daquelas perguntas – geralmente difíceis de reformular – às quais o texto dava a resposta em sua época.” (JAUSS, 1983, p. 312). Isso significa interpretar o texto literário enquanto resposta tanto para “expectativas formais, como a tradição literária as determinava antes do surgimento do referido texto”, quanto “a questões de significado como poderiam ter surgido no mundo histórico dos primeiros leitores.” (JAUSS, 1983, p. 312-313). É válido mencionar que se a interpretação histórica não fosse capaz de transformar a pergunta “O que disse o texto?” em “O que o texto me diz e o que eu digo sobre o texto?”, a reconstrução do horizonte de expectativa original recairia no historicismo. Ao aproximar a hermenêutica literária da teológica e da jurídica pelo fato das três chegarem à aplicação, partindo da compreensão e passando pela interpretação, Jauss (1983, p. 313) afirma que

esta aplicação de um lado não pode desembocar numa ação prática, mas, do outro, pode satisfazer um interesse não menos legítimo, o de medir e ampliar, na comunicação literária com o passado, o horizonte da experiência própria a partir da experiência de outros.

Além disso, a aplicação é indispensável, pelo simples fato de dar voz ao intérprete, pois, assim, ele verifica seu lugar na cadeia temporal. Isso reforça outra propriedade da hermenêutica literária: “ela possibilita – e depende disso – ao crítico ou ao historiador examinar seus próprios pré-juízos, segundo um permanente vaivém que delimita a ambição totalitária e abarcante da interpretação.” (ZILBERMAN, 2009, p. 69). Jauss (1984, p. 688, *apud* ZILBERMAN, 2009, p. 69) assim desvela essa função de controle da hermenêutica literária:

A tarefa da hermenêutica comporta dois pontos cruciais. De um lado, se a reconstrução da inserção do autor não deve consistir mais na instância última da compreensão, de outro, ela conserva ao mesmo tempo função de controle. Por outro lado, a experiência de leitura do leitor do passado deve ser superposta à leitura atual do leitor de uma época posterior, para que se possa esgotar durante a interpretação a diferença entre o horizonte passado e presente da leitura.

O objetivo de Jauss com o exercício da hermenêutica literária é que o intérprete, ao questionar o texto, deixe-se também interrogar. Nesse sentido, é fundamental a abertura, isto é, quando lemos um texto, visualizamos uma obra de arte, conversamos com alguém, precisamos estar “abertos”, ou seja, ter abertura. Através da abertura

reconhecemos o outro, estabelecemos relações com ele, resultando num processo intersubjetivo. O diálogo entre texto e leitor está ancorado no fato de ser “aquilo que deixou uma marca”: “O que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo.” (GADAMER, 2002, p. 247). Tal aspecto não é negligenciável, pois levou Odo Marquard, num dos colóquios do grupo *Poetik und Hermeneutik*, “a atribuir a superioridade da hermenêutica literária ao fato de que, ao contrário das disciplinas vizinhas, ela pode incluir o sujeito da interpretação no processo de questionamento, balizando suas pretensões e limites.” (ZILBERMAN, 2009, p. 70).

É importante mencionarmos o impacto que *Verdade e Método* causou nas conjunturas da hermenêutica contemporânea. Isso só pode ser considerado se levarmos em conta a forma como, ao longo dos últimos 40 anos, a discussão da hermenêutica filosófica tem, em geral, sido uma discussão do trabalho de Gadamer. Nesse sentido, diversos autores discutiram as proposições da hermenêutica gadameriana, como Emilio Betti, Eric Donald Hirsch, Jr., Jürgen Habermas, Terry Eagleton, Jacques Derrida, Paul Ricoeur, Richard Rorty, John McDowell, entre outros. E ao lado da discussão dos preceitos gadamerianos, está a transformação destes em categorias de análise, como o fez Hans Robert Jauss na estruturação de suas teses, tanto no que diz respeito à reestruturação da história da literatura, quanto na edificação de uma rica e importante abordagem de estudo do fato literário: a hermenêutica literária.

É fato indiscutível que os estudos literários (teoria da literatura, história da literatura e crítica literária) evoluíram demasiado nestas últimas décadas, tendo como uma de suas consequências a coexistência (nem sempre pacífica) de diferentes abordagens para o estudo da obra de arte literária. Ainda que distintas tendências coexistam, como, por exemplo, as teorias pós-estruturalistas, a crítica feminista, os estudos culturais, as teorias pós-coloniais, as teorias psicanalíticas, as tendências marxistas, as abordagens pós-modernas, as teorias *queer*, as teorias da recepção, além de outras que poderão surgir, parece-nos que a hermenêutica literária não goza de tanto prestígio entre os pesquisadores ligados aos estudos literários. Nesse sentido, é vital o retorno a Gadamer (2008) e Jauss (1982; 1983), mais precisamente, à hermenêutica literária, visto que o que está em jogo é o próprio ato de compreensão e interpretação de textos literários.



## Referências

- ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1970.
- BRIZOTTO, Bruno. Duas abordagens para o ensino de literatura: leitura e estética da recepção, *Revista Fronteira Digital*, v. 3, p. 61-82, Jan.-Ago. 2011.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre Estética da Recepção e Crítica Feminista, *Cenários*, Porto Alegre, v. 2, n. 6, p. 1-13, 2º semestre 2012.
- \_\_\_\_\_. Hermenêutica e Estética da recepção: uma leitura das três primeiras teses de Hans Robert Jauss, *e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, Nilópolis, v. 4, n. 1, p. 105-117, Jan.-Abr. 2013.
- GADAMER, Hans-Georg. A incapacidade para o diálogo. In: \_\_\_\_\_. *Verdade e método II: complementos e índice*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 242-252.
- \_\_\_\_\_. *Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. revisada de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.
- JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. Trad. Luiz Costa Lima e Peter Naumann. In: \_\_\_\_\_. et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Seleção, coordenação e prefácio de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61.
- \_\_\_\_\_. *Aesthetic experience and literary hermeneutics*. Trad. Michael Shaw. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.
- \_\_\_\_\_. O texto poético na mudança de horizonte da leitura (baseado no exemplo do segundo "Spleen" de Baudelaire). Trad. Marion S. Hirschmann e Rosane V. Lopes. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 305-358.
- \_\_\_\_\_. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Pequeña apología de la experiencia estética*. Trad. Daniél Innerarity. Barcelona: Paidós, 2002.

LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Trad. Hélio Magri Filho. 3. ed. Perópolis: Vozes, 2011.

LIMA, Luiz Costa. Hermenêutica e abordagem literária. In: \_\_\_\_\_. *Teoria da literatura em suas fontes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, v. 1. p. 63-95.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2006.

RIFFATERRE, Michael. *Semiotics of Poetry*. Bloomington: Indiana University Press; London: Methuen, 1978.

ROHDEN, Luiz. *Interfaces da hermenêutica: método, ética e literatura*. Caxias do Sul: Educs, 2008.

SZONDI, Peter. *Introduction to literary hermeneutics*. Trad. Martha Woodmansee. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 2009.

Recebido em setembro de 2013.

Aceito em dezembro de 2013.